

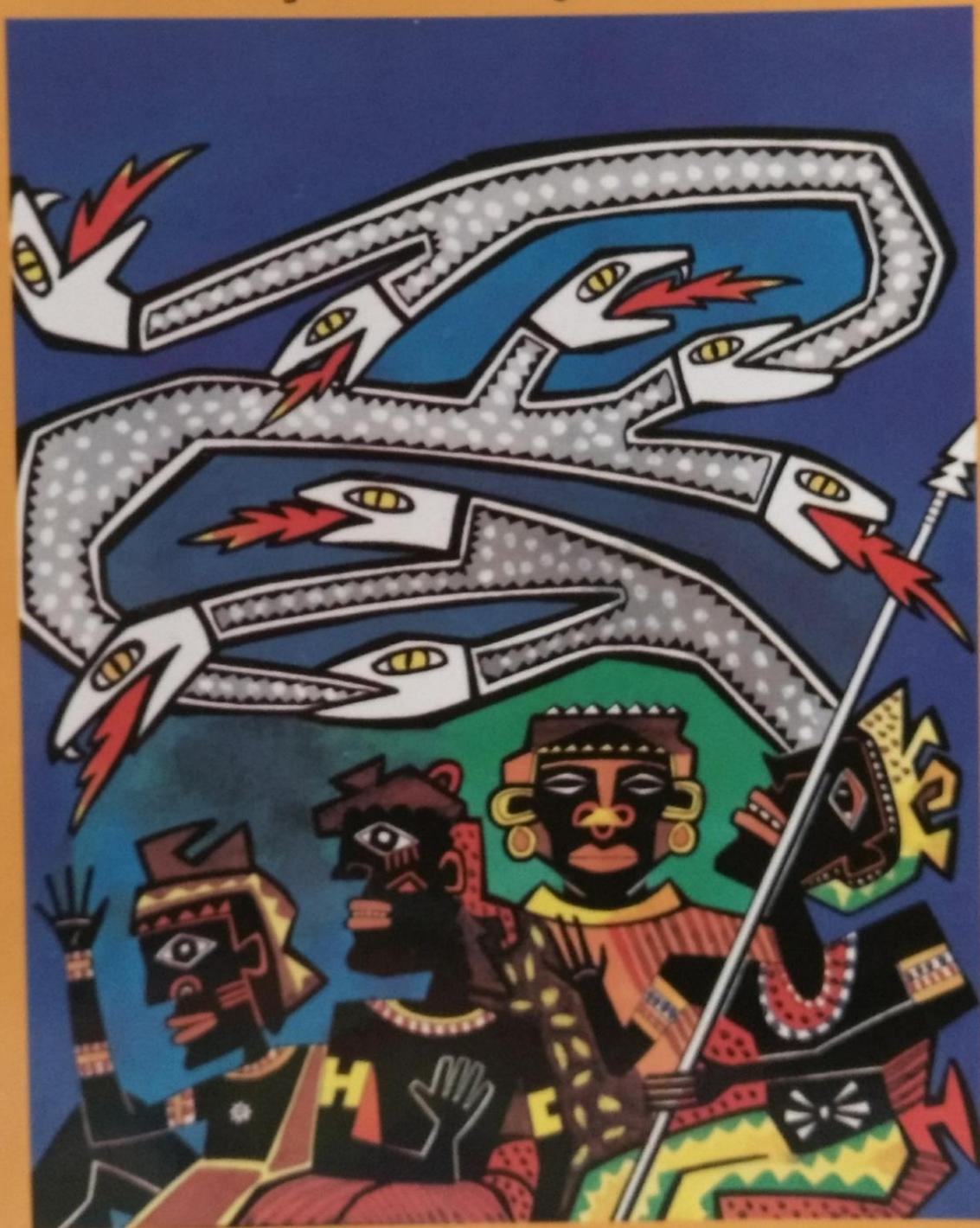
Rogério Andrade Barbosa

0553.1

BICHOS DA ÁFRICA 2

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi



Rogério Andrade Barbosa

BICHOS DA ÁFRICA

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciça Fittipaldi

A Moça e a Serpente • A Vingança de Eraga
O Cassolo e as Abelhas





A literatura oral africana

Você vai ler várias histórias contadas pelo Vovô Ussumane ao seu neto Malafi.

Nas sociedades africanas que ainda não têm uma escrita sistematizada, a tradição oral cumpre um papel semelhante ao das bibliotecas e arquivos de outras sociedades.

Assim, os velhos são os sábios das comunidades, donos de memória prodigiosa, verdadeiras enciclopédias vivas encarregadas de perpetuar a tradição e a história de seus povos. Muitas vezes, em caso de guerra, esses griôs – como são também chamados os contadores de histórias – são poupados de morrer, para que continuem narrando as proezas dos povos africanos.

As histórias de animais gozam de um prestígio enorme, e nelas os animais são comparados, em defeitos e virtudes, ao ser humano.

Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir e participar ativamente da narração, que pode variar de acordo com a plateia e a receptividade.

Na sua juventude, Vovô Ussumane percorre terras distantes divulgando seu imenso saber. Agora, já bem velhinho e famoso, se diverte contando histórias para as crianças da aldeia, que vão passando de geração para geração.

Rogério Andrade conviveu com esse mundo fantástico na África e coletou fábulas dos animais mais queridos do dia a dia desses povos africanos.

Você poderá, também, penetrar nos costumes da África quando ler as conversas de Vovô Ussumane com o seu neto Malafi.



1. A MOÇA E A SERPENTE

Enquanto esperava as crianças sentarem-se para ouvir suas histórias, Vovô Ussumane olhava com atenção o rebuliço das mulheres da aldeia, atarefadas com os preparativos do casamento da filha do ferreiro. “Ainda bem que ela vai se casar de acordo com os velhos costumes”, pensava o avô.

O noivo da moça, escolhido pelo pai dela, pagara um bom dote ao sogro: gado, dinheiro e gêneros alimentícios.

Vovô Ussumane não gostava de saber que na cidade grande, depois da independência nacional, as moças já não respeitavam mais essa antiga tradição e espantava-se com o fato de os rapazes não precisarem presentear seus sogros para se casar. Por isso resolveu contar uma história sobre uma moça que não escutou os conselhos do pai...

Havia uma moça que vivia dizendo para as amigas que só se casaria com o rapaz que ela mesma escolhesse. A serpente, enroscada num galho, ouvindo aquela conversa, correu para casa, mudou de roupa e transformou-se num jovem forte e bonito, tendo o cuidado de deixar o rabo bem escondido.

A moça ficou encantada pelo belo rapaz e foi falar com o pai:

– Este jovem é que vai ser o meu marido.

O pai não gostou nada da atitude desrespeitosa da filha, mas teve que ceder ao desejo da moça. E fez o casamento.

A casa da serpente era imunda e bagunçada e ficava afastada da aldeia do sogro. A moça, coitada, passava os dias arrumando-a. Ela queria fugir, mas a serpente tinha um cão, um gato e um galo que a vigiavam dia e noite. E quando alguém tentava se aproximar da casa, eles logo começavam a ladrar, a miar e a cacarejar, avisando a serpente.

A moça tinha quatro irmãos: um adivinho, um caçador, um carpinteiro e um ladrão. Certo dia, o que era adivinho mandou chamar o pai e seus irmãos à sua palhoça. Depois que todos se sentaram, ele disse que através de um sonho descobriu que a irmã tinha sido enganada por uma serpente, disfarçada de gente, e que ela estava sofrendo muito nas mãos do terrível marido. Terminada a reunião, o pai pediu aos filhos que pegassem uma canoa e partissem em busca da irmã.



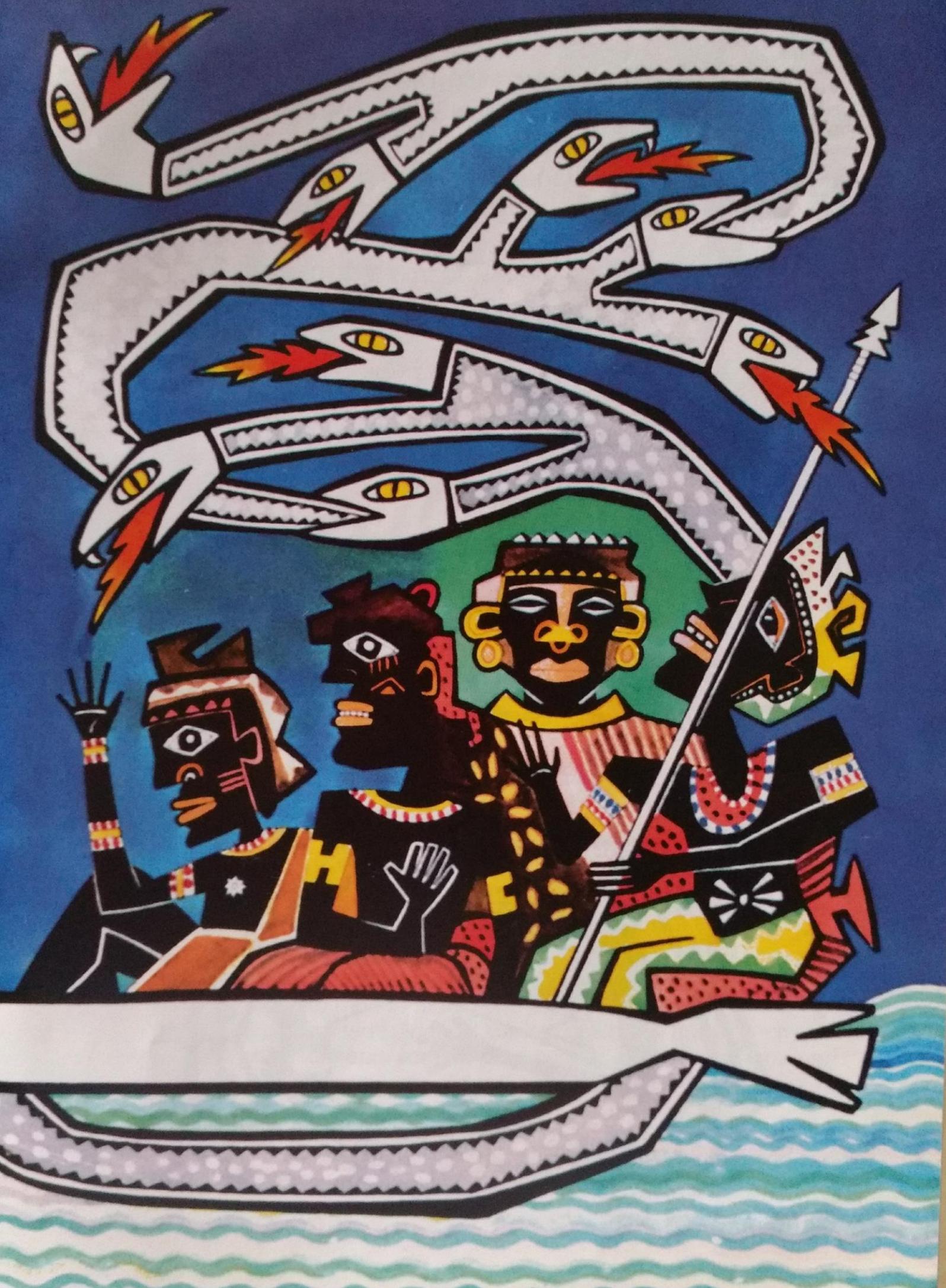


Guiados pelo adivinho, conseguiram remar até o covil da serpente. O irmão, que era ladrão, tinha roubado carne, peixe e milho e usou os alimentos para distrair a atenção do cão, do gato e do galo. Enquanto os bichos brigavam pela comida, eles pegaram a irmã e a levaram para o local onde tinham escondido a canoa. A essa altura, a serpente já sentira a presença dos intrusos e tinha destruído a canoa. O irmão, que era carpinteiro, pegou os pedaços que restaram e construiu outra na mesma hora.

Estavam remando o mais rápido que podiam quando viram a serpente nadando velozmente em direção a eles. À medida que nadava, a cobra fazia com que as águas do rio ficassem revoltas, atrapalhando a fugados irmãos.

O irmão que era caçador pegou a lança, mas não sabia onde atirar, porque a serpente, quando enfurecida, ficava com mais sete cabeças.



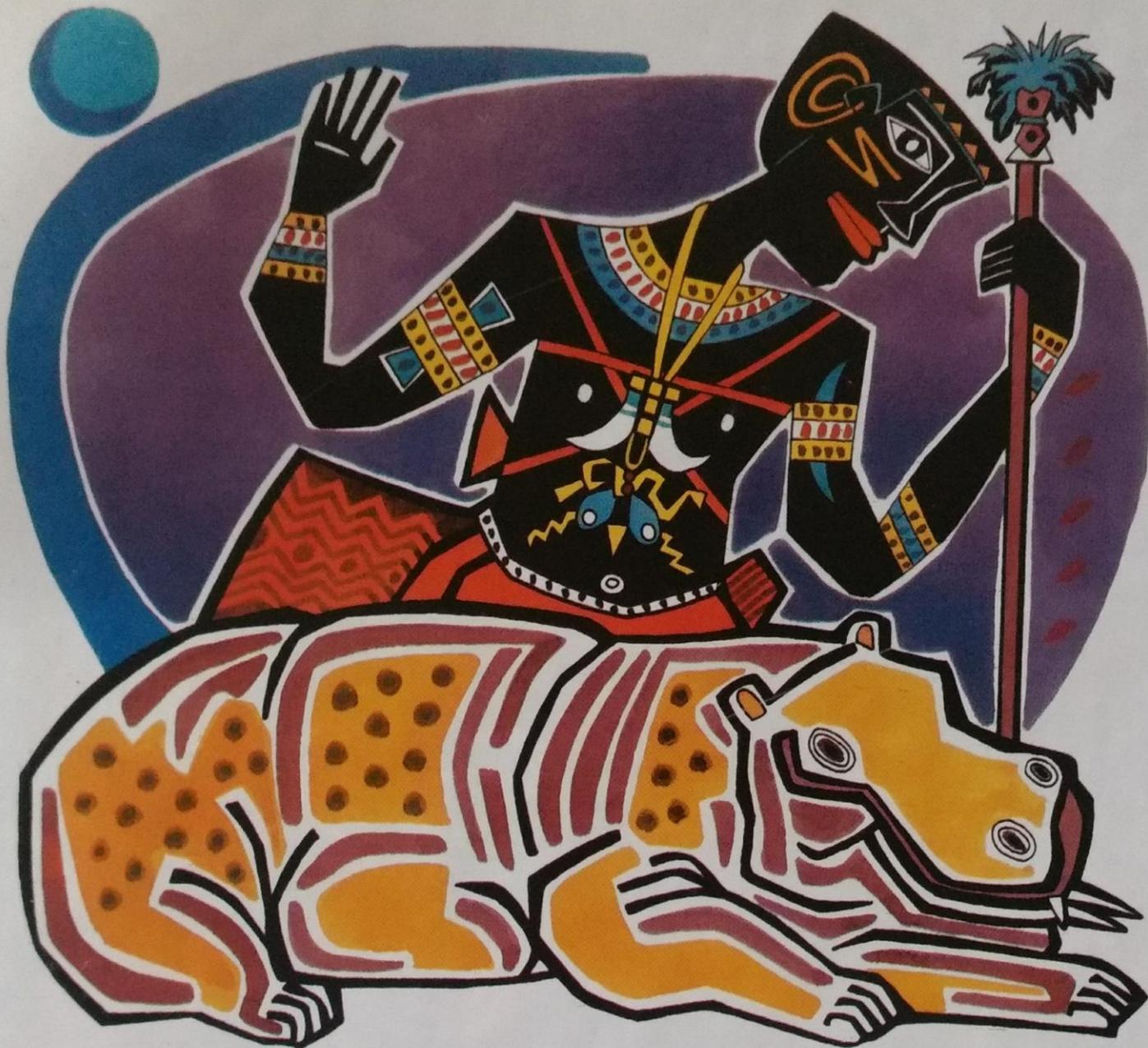


– Em qual delas devo atirar? – perguntou o caçador ao adivinho.

– Naquela ali – disse o adivinho apontando com a mão.

O caçador, apoiando-se com dificuldade na canoa que balançava pra todos os lados, mirou cuidadosamente e acertou a lança na verdadeira cabeça da serpente. Assim que ela afundou, as águas do rio tornaram-se calmas. Os irmãos voltaram sãos e salvos para a aldeia, e a moça passou a morar com eles.





2. A VINGANÇA DE ERAGA

Malafi estava radiante de alegria. Seus amigos, com inveja, ouviam-no contar como havia recebido permissão do pai para acompanhá-lo até a beira do rio onde um hipopótamo tinha sido abatido. Um acontecimento especial, pois não era sempre que se conseguia caçar um bicharoco daqueles. Os homens tiveram bastante dificuldade para abrir o couro duríssimo do paquiderme com facas e facões. A alegria era geral: durante muitos dias haveria carne a faltar.

Levaram um tempão para cortar o bicho. A cabeça, um troféu cobiçado, foi separada para o caçador. Depois, os homens voltaram para a aldeia, em fila indiana, carregando um naco de carne sobre os ombros nus.

– Vamos pedir ao vovô que conte uma história sobre hipopótamos – sugeriu um dos meninos.

Naquela noite, Vovô Ussumane contou o seguinte...

Houve uma época em que os hipopótamos viviam somente na terra, onde dividiam as pastagens com as vacas. Mas os hipopótamos, grandalhões e vorazes, comiam quase tudo, deixando muito pouco para as vacas. O dono das vacas, Ugubane, Deus do Fogo e da Terra, foi reclamar com Eraga, Deus da Chuva, que era o Senhor dos hipopótamos.

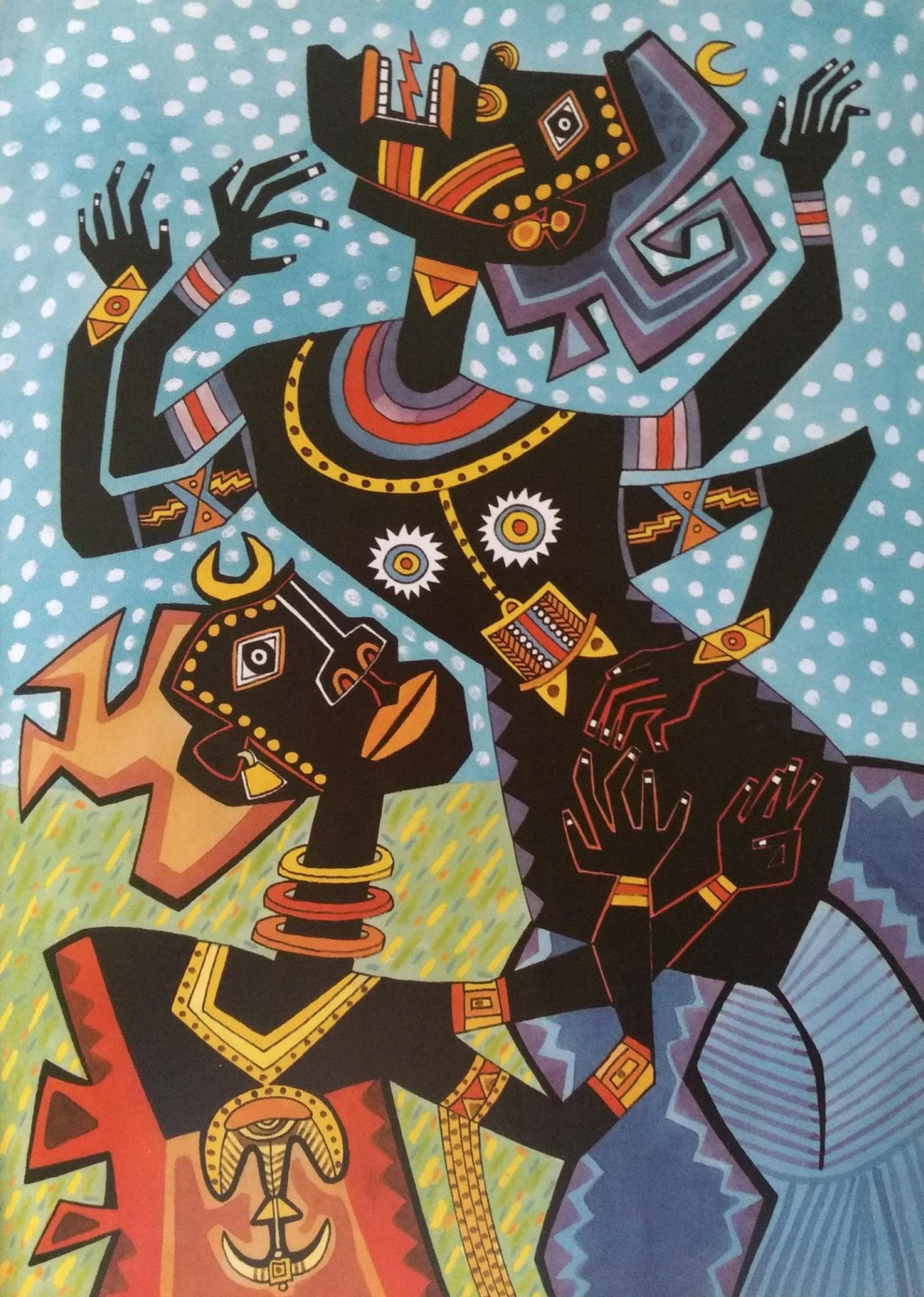
– Poderoso Eraga – disse Ugubane –, as minhas vacas estão morrendo de fome por causa de seus esfomeados hipopótamos, que não deixam nenhum capim para elas comerem. Exijo que tome uma providência!

Eraga, embora contrariado com a arrogância do outro Deus, respondeu:

– Poderoso Ugubane, pode ficar sossegado, de hoje em diante os hipopótamos só viverão dentro da água.

Mas Eraga não perdeu tempo para se vingar. Como era o Deus da Chuva, fez com que nunca mais chovesse nas propriedades de Ugubane. A seca na terra foi terrível, acabando com a vegetação e quase matando as vacas de fome e de sede.





Ugubane, não aguentando mais, teve que se dirigir pela segunda vez ao reino de Eraga. Dessa vez foi mais humilde e até levou uma vaca de presente para o oponente, suplicando-lhe que permitisse a chuva cair novamente sobre a terra.

– Poderoso Eraga, já sei que você tem mais poderes do que eu. Meus animais estão morrendo, e as plantas, secando. Por favor, tenha piedade.

O orgulhoso Deus da Chuva, satisfeito com a humilhação imposta ao Deus do Fogo e da Terra, fez com que a chuva voltasse a regar os campos de Ugubane.

Desde aquele dia, porém, os hipopótamos só vão a terra em busca de alimento durante a noite.





3. O CASSOLO E AS ABELHAS

A criançada havia passado o dia se lambuzando com o mel retirado de uma colmeia. E só tinha achado o esconderijo das abelhas, no oco de uma das centenas de árvores do outro lado do rio, graças aos gritos aflitos e ao bater de asas do pássaro chamado cassolo.

– Por que o cassolo faz um barulho danado quando encontra uma colmeia, vovô? – perguntou Malafi.

– O cassolo é um passarinho muito esperto – disse o avô. – Prestem atenção que vocês já vão saber por que ele age assim...

O cassolo e a abelha eram grandes amigos. Certo dia, o filho da abelha adoeceu gravemente, e ela foi pedir ajuda a um quimbanda, que era o maior curandeiro daquela redondeza. O quimbanda, depois de consultar os seus ossinhos mágicos, disse que a abelhinha só ficaria boa se ele preparasse um remédio para ela com uma pena de cassolo. A abelha pagou a consulta dando uma galinha ao quimbanda e, em seguida, foi explicar o seu problema ao cassolo.

– Meu amigo, preciso de uma de suas penas para salvar a vida de meu filho.

– Pois não – disse o cassolo arrancando do corpo uma pena, atendendo-a prontamente.



Tempos depois foi o filhote do cassolo que ficou doente, e ele teve que consultar o mesmo quimbanda. O curandeiro falou que o filhote do cassolo só melhoraria se ele fizesse um remédio com uma asinha de abelha. O cassolo deu ao quimbanda um pote com vinho de palmeira como pagamento e voou logo para a casa da abelha, certo de que ela lhe retribuiria a ajuda.

– Abelha amiga, hoje sou eu quem necessita de sua ajuda. Para salvar o meu filhote, preciso de uma de suas asinhas.

– Sinto muito – respondeu a abelha ingrata. – Não posso ficar sem uma das minhas asinhas. Vá falar com outra abelha.

O cassolo, desesperado, procurou socorro inutilmente em todas as colmeias e, desde então, por vingança, ele indica às pessoas os locais onde as abelhas guardam o seu mel.



Apresentação da Série

Rogério Andrade Barbosa, em seus contos, usa Vovô Ussumane como um contador de histórias que mostra a oralidade como uma atitude diante da vida e não a ausência de uma habilidade – a de escrever.

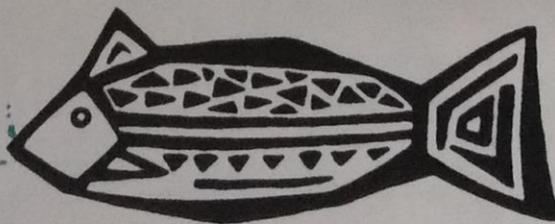
Encontramos, nessas narrativas, a transmissão de fatos do passado e, principalmente, a atualidade, já que a tradição oral não traduz um período já ultrapassado da vida de um povo, mas sim uma forma de “ser permanente”, num faz-se, desfaz-se e refaz-se que caracteriza uma cultura, distinguindo-a de qualquer outra. Dessa forma, ao transmitir valores e ao ensinar a filosofia de seu povo para o menino Malafi, Vovô Ussumane utiliza as histórias de animais, que são os mitos tornados publicamente inteligíveis e que traduzem as conclusões cuidadosamente elaboradas pela comunidade, para permitir a estruturação da personalidade de seus integrantes e caracterizar uma maneira típica de ser.

Assim, Vovô Ussumane não sonha enquanto rememora, pois desempenha uma função para a qual está preparado: unir o começo da vida ao seu fim, alargando as margens dos rios caudalosos, representados pelas novas gerações, com a tranquilidade que absorveu de outros rios revoltos que encontrou no passado. Enfim, os contos nos falam da vida, da continuidade histórica, de transcendência. Valorizam a sabedoria dos mais velhos, a potencialidade das crianças, revelando a importância do amor, da amizade, do respeito, da solidariedade e da vida em comunidade.

A tradição oral, no Terceiro Mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social. A série Bichos da África vem esclarecer os valores civilizatórios africanos, tão pouco conhecidos pela comunidade negra brasileira, que luta por ser reconhecida e por se integrar no conjunto da sociedade.

Estes contos tradicionais africanos de animais demonstram claramente as estratégias próprias da cultura negra, que possui uma força efetiva e se antepõe a uma ordem cultural branca, que, em um país plural como o nosso, sempre se quis hegemônica.

Helena Theodoro Lopes



Série
BICHOS DA ÁFRICA
Lendas e Fábulas

Nas sociedades africanas que ainda não têm escrita, a tradição e a história desses povos são transmitidas em belas narrativas por velhos sábios, chamados griôs. Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir essas narrativas envolventes, que divertem, transmitem costumes e valores morais.

Rogério Andrade Barbosa conviveu com esse mundo fantástico e coletou fábulas dos mais queridos animais desses povos, as quais podem trazer maior conhecimento da cultura africana para o nosso leitor.

A partir da arte ioruba, Ciça Fittipaldi criou as ilustrações, explorando o universo fantástico e exuberante da África.



BICHOS DA ÁFRICA 1

A Mosca Trapalhona • A Tartaruga e o Leopardo

BICHOS DA ÁFRICA 2

A Moça e a Serpente • A Vingança de Eraga
O Cassolo e as Abelhas

BICHOS DA ÁFRICA 3

Por Que os Cães Cheiram Uns aos Outros
O Julgamento da Tartaruga

BICHOS DA ÁFRICA 4

O Jabuti e o Chacal • A Águia e o Gavião
O Gato e o Rato

ISBN 978-85-06-06055-1



9 788506 060551